

Bancos credores querem negociar com candidatos

Deborah Berlinck

NOVA IORQUE — Os banqueiros americanos entraram na corrida presidencial brasileira e estão negociando com os assessores econômicos dos candidatos de esquerda Leonel Brizola (PDT) e Mário Covas (PSDB), numa tentativa desesperada de evitar uma radicalização na relação com os bancos depois da eleição de novembro deste ano. Os credores, segundo um banqueiro integrante do comitê assessor dos bancos em Nova Iorque, estão inquietos com a situação econômica do Brasil, não confiam mais no governo Sarney e querem ganhar tempo até que o quadro das eleições se defina.

“O governo Sarney está quebrado e isso não é novidade. Então, por que nós negociariamos um pacote com esse governo em setembro se em novembro pode mudar tudo? Os bancos não querem mais negociar com esse governo. Estamos interessados agora em saber quem vai ganhar as eleições”, disse ele.

Candidatos fortes — O banqueiro, que esteve recentemente no Brasil, não revelou detalhes das conversas com as equipes dos candidatos, mas citou algumas pessoas com quem está mantendo freqüentes contatos: Tito Ryff e César Maia, assessores econômicos de Brizola, e Adroaldo Moura, da equipe de Covas. Brizola, em primeiro lugar, e o candidato Fernando Collor de Mello (com quem o banqueiro espera conversar breve) constam na lista dos bancos como os mais fortes candidatos à sucessão de Sarney. O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que um outro banqueiro qualificou de “radical”, foi descartado pelos bancos porque “não têm a menor chance de ganhar”. Ulysses Guimarães, do PMDB, foi classificado como “candidato de muito pouca chance”.

O principal objetivo dessas conversas foi saber como os candidatos, especialmente os da esquerda, pretendem negociar com os credores o pagamento (ou não) da maior dívida externa do mundo

depois da dos EUA. O que eles ouviram dos assessores dos candidatos não foi revelado, mas a fonte deixou a impressão de que o caminho não vai ser o do confronto: “Isso faz parte do jogo de campanha política”, comentou.

Ameaça — Independentemente da posição ideológica dos credores, existe entre os banqueiros a convicção de que seja lá quem ganhar as eleições no Brasil — direita ou esquerda — o futuro presidente vai ter que encarar os credores mais cedo ou mais tarde. Posições de confronto, argumentou outro banqueiro, trarão mais prejuízos para o país, uma vez que os bancos estão mais preparados economicamente para uma crise e não pretendem fazer qualquer tipo de concessão caso uma nova moratória seja decidida. “O Brasil tem mais a perder do que a gente”, disse.

Segundo o banqueiro, está cada vez mais difícil atrair os credores para negociar novos pacotes com o Brasil devido à resistência do governo brasileiro em adotar as reformas necessárias. “A questão é: podemos confiar na política econômica do governo? Uma rápida análise da economia brasileira demonstra que o problema mais sério é a dívida interna. O mercado funciona bem, o setor privado responde bem e é o governo que está quebrado. Então, qual é a solução para isso?”, perguntou o banqueiro.

Perdas — O ceticismo em relação ao governo brasileiro também existe em relação ao plano do secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, que prevê a redução de 20% da dívida externa dos países subdesenvolvidos. “Estamos totalmente céticos em relação a este plano. Os banqueiros estão totalmente divididos. Uns encaram o plano como possibilidade de investimento nos países, outros não querem saber disso. Mas uma coisa é certa, uma vez que esses bancos entrem na redução da dívida não haverá quem os convença a emprestar dinheiro novo. Para a maioria, a redução da dívida é perda”, comentou o banqueiro.